

# AS MUDANÇAS EPISTEMOLÓGICAS DA HISTORIA NA HISTORIA<sup>1</sup>

**Wagner de Sousa e SILVA (1); Sandra Antonielle Garcês MORENO(2); Fabíola Monteiro da Conceição da Lima MONTEIRO(3); Elayne Crystyna Pereira Borges GOMES(4)**

- (1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA, Av. Getúlio Vargas, n.04, Monte Castelo, São Luís –MA, [wagnersilva@ifma.edu.br](mailto:wagnersilva@ifma.edu.br)  
(2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA, Av. Getúlio Vargas, n.04, Monte Castelo, São Luís –MA [sandramoreno@ifma.edu.br](mailto:sandramoreno@ifma.edu.br)  
(3) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA, Av. Getúlio Vargas, n.04, Monte Castelo, São Luís –MA, [fabiolamonteiro@ifma.edu.br](mailto:fabiolamonteiro@ifma.edu.br)  
(4) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA, Av. Getúlio Vargas, n.04, Monte Castelo, São Luís –MA, [elayne@ifma.edu.br](mailto:elayne@ifma.edu.br)

## RESUMO

A presente pesquisa culminou em trabalho de conclusão de curso, realizada durante um ano, subsidiado pelo nosso grupo de estudo, que foi criado com intuito de estabelecer o diálogo interdisciplinar. Configurou-se pôr ser uma pesquisa de natureza teórica, de caráter descritivo, explicativo quantos aos fins. Quanto aos meios, é bibliográfica, porque houve a necessidade de consultar várias produções bibliográficas sobre a problemática. O trabalho de pesquisa se propõe a historicizar as mudanças no âmago das correntes historiográficas. Apresentando quando possível, o embate entre o que se convencionou chamar de paradigma moderno, com as novas correntes teóricas na história, situando no tempo tais discussões, haja vista, que tais discursos, só serão compreendidos no seio dessa categoria de análise. Pareceu oportuno, frisar que as contribuições filosóficas foram de grande valia para tal ímpeto, a partir do momento que a pesquisa sinalizou alguns resultados preliminares, a saber: a ciência histórica (re) pensou sua postura epistemológica e metodológica no decurso histórico, ao assenhorear-se dos princípios dialéticos idealista, com os alemães, bem como o materialismo dialético por um lado; e por outro, a contribuição do movimento do *Annales* na França, principiado por Marc Bloch e Lucien Febvre, cujos nomes, figuravam entre os grandes expoentes da história. Contribuições essas, irradiadas pôr todas as escolas européias no período transitório que vai do século XIX aos idos do século XX.

**Palavras - chave:** Historiografia, epistemologia, metodologias, paradigmas.

## 1 INTRODUÇÃO

Tratar do percurso e das mudanças ocorridas nos dois últimos séculos na história tanto como *disciplina*, enquanto componente curricular limitado a academia, quanto pelo âmbito social, nos remete necessariamente a refletir acerca da trajetória trilhada pela historiografia no cenário histórico.

A história da historiografia toma como ponto de análise a ideia de Croce que toda história é contemporânea, e o historiador, de sábio que julgava ser, tornou-se um forjador de mitos. Embasados da perspectiva de Pomian, aquilo de que precisamos hoje é de uma história da história que deveria colocar, no centro de suas investigações, as interações do conhecimento, as ideologias, as exigências da escrita. Ora, fazendo isso, seria possível criar uma ponte entre a história das ciências e a da filosofia. Especulam-se serem muitas as inferências que atordoam a mentalidade dos pesquisadores de história, vislumbrando entende o desenlace da trama.

Mediante as questões mencionadas, chegamos à seguinte problemática: Como destrinchar o percurso da historiografia, enfocando suas várias facetas adquiridas no cenário histórico, seguido de influências teóricas?

---

<sup>1</sup> Artigo aceito para o V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação CONNEPI, na cidade de Maceió - AL, 2010

Pareceu-nos oportuno, durante o transcurso da pesquisa escavar questões dessa envergadura, que visasse entender como a historiografia, *supera* o modelo tradicional, culminando em um novo modelo de fazer história. Face esta empreitada decorre o objetivo do trabalho, fazer uma análise enfatizando as mudanças epistemológicas da história na história.

O texto foi sistematizado obedecendo às seguintes etapas: inicialmente analisa-se o marco teórico do trabalho a luz de discussões sobre o embate entre o paradigma moderno e a ciência histórica; em seguida identifica-se o percurso trilhado pela historiografia, através da descrição da proposta, elencando a crise paradigmática e as mudanças em curso da historiografia; e por fim, apontam-se os resultados provenientes, desta pesquisa, de cunho teórico.

## 2 HISTÓRICO DO PROBLEMA

Atualmente fala-se muito em amplitude no campo teórico e empírico, assim como de inserção da história nessa empreitada. Entretanto, para descrever esse processo, poderíamos dizer assim, histórico e historiográfico da própria história, se fez necessário historicizar os desdobramentos do saber histórico, no cenário temporal, engendrando mecanismos que vislumbrem problematizar a historiografia deste saber, numa espécie de “História da História”.

Ademais, é relevante entender o desenlace do processo que desloca sutilmente o foco de análise do séc. XIX, pelo qual a história passava pelo processo de ser submetida aos crivos metodológicos das ciências naturais, condicionando-a ao suposto modelo hegemônico de *cientificização* vigente (rigor científico, métodos, leis, generalizações e estrita observação dos fatos), tida com a história oficial, dos grandes homens, factual, serial e ou quantitativa, para uma *nova história*, por sinal um olhar mais atento, detectaria a existência de um campo propício para se concretizar mas, que não era ponto de análise.

O processo epistemológico pelo qual se encontrava imerso a história, não era exclusividade sua, pois, as ciências estavam todas elas, independentemente de sua área de atuação, condicionadas aos resquícios das idéias do século XVIII, onde as mesmas, por sua vez estavam atreladas ao rigor do método científico, inspirados pela instrumentalização da *razão*, trazendo explícito em seus discursos a palavra progresso. Com efeito, a concepção de ciência moderna acaba por rejeitar naquele momento o saber histórico, enquanto conhecimento científico, porque estava avessa aos princípios estabelecidos pelo paradigma “dominante”, no momento associado à concepção de empiria, positividade, *cientificidade*. Ademais, a rápida propagação desses moldes de ciência fora imponente, a ponto de açambarcar ao que se convencionou chamar de *ciências humanas*.

A ciência histórica por sua vez, vicejou adequar-se aos ditames dos modelos deterministas. A pesquisa de cunho histórico, executada naquele período, para ter validade científica, se valia de argumentos revestidos de “verdades” objetivas, sendo o seu objeto de estudo passível de demonstrabilidade, assim, qualquer pesquisa de natureza histórica o pesquisador deveria comprová-la a luz da *racionalidade cientificista*. Em meio à empreitada, começa a ganhar corpo e forma o historicismo, corrente teórica, Leopold Von Ranke é o expoente, que marcou todas as escolas do século XIX, irradiando-se para vários países, França, Estados Unidos, Itália, destacando-se a escola Prussiana, onde o otimismo historicista atingiu o seu apogeu com Gustav Droysen. Para Nadel apud Le Goff(2003, p.88):

Seu fundamento é o reconhecimento de que os acontecimentos históricos devem ser estudados, não como anteriormente se fazia anteriormente, como ilustrações da moral e da política, mas como fenômenos históricos. Na prática, manifestou-se pelo aparecimento da história como disciplina universitária independente, no nome e na realidade. Na teoria expressou-se através de duas proposições: 1) o que acontece deve ser explicado em função do momento que acontece; 2) para o explicar existe uma ciência específica, usando processo lógico, a ciência da história.

Haveria duas tendências que cancelavam o historicismo. A primeira tendência apareceu nos idos do século XVIII, especificamente na Alemanha, considera o desenvolvimento histórico com base no modelo de crescimento dos seres vivos, cita Hegel em meio a este modelo, porém indo mais longe. A segunda esforça-se por estabelecer uma ciência da sociedade baseada em leis de desenvolvimento social, cujos expoentes foram

Saint Simon e Comte; o marxismo adentra a supracitada tendência. O historicismo, no entanto, esbarrou com o problema da existência de leis em história, leis que têm sentido, e com o modelo único de desenvolvimento histórico.

Como se concretizariam essas tendências na história? Pautando-se no modelo rankiano, que analisavam os documentos, como verdade absoluta que falavam por si só, inviabilizando qualquer diálogo com a fonte. Os documentos oficiais por sua vez, eram analisados a luz da concepção rankiana, como verdade absoluta e que falava por si só, sem instigá-lo de nenhuma forma, como será feito na posterioridade, quando o saber histórico passa por um redimensionamento epistemológico em seu campo, alterando assim sua postura metodológica. Aqui caberia nos reportarmos ao Positivismo Comtiano parafraseando Pesavento (2005, p.10):

[...] da mesma forma, o positivismo de comte, com seus pressupostos normativos científicos, estabelecendo os critérios de verdade absoluta, contida na fonte documental, que falava por si mesma, encontrava um vasto de ação, tanto pela seriedade da pesquisa de fontes que proporcionava, quanto pela defesa do caráter da História como ciência.

Data deste período inclusive questionários e levantamento de dados, almejando associar a metodologia de pesquisa de outras áreas do conhecimento à área das ciências humanas, para fins de esclarecimento, iremos explicitá-lo do seguinte modo: metodologias *alheias e/ou externas* à área das humanas lhes eram impostas “arbitrariamente”, elas por sua vez deveriam processá-las e pô-las em ação. A sociologia acadêmica engendrada por E.Durkheim, apontava para a necessidade de reduzir os fatos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis, denotando assim a pretensa vontade em querer amalgamar as ciências sociais as ciências naturais, impondo métodos desta para aquela.

Michael Foucault (1973) critica severamente essa prospecção documental, para ele é preciso desvincular a história da imagem para reencontrar o frescor de suas lembranças. Essa ideia de documento portador de sentido deve ser questionada tão radicalmente quanto à própria atividade de interpretação, pois tudo isso são ferramentas de uma redução inaceitável de complexidade, são procedimentos para conter o transbordamento espontâneo de discursos, os quais os intérpretes da geração seguinte são condicionado-os a se ajustarem aos horizontes provincianos de compreensão.

Eis o porquê da nomenclatura inicialmente dada às ciências sociais deste período, “Física social”, que propunham os estudos dos fenômenos sociais com os mesmos métodos de estudos empregados aos fenômenos naturais. Com o tempo, vai se perceber que essas duas concepções tendem a ser dicotômicas e não únicas, como se desejava neste momento. Para Boaventura de S. Santos os fenômenos sociais são de natureza subjetiva. A ciência histórica, por sua vez inserida nos estudos humanitários, aborda a sociedade enquanto categoria de análise, e conclui ser praticamente impossível regê-la a luz da logicidade das leis-mecânicas, pois, a dinâmica dos fenômenos sociais é diferente dos fenômenos naturais:

Um conhecimento baseado na formulação de leis tem como pressupostos metatético a idéia de ordem e estabilidade do mundo, a idéia de que o passado se repete no futuro. Segundo a concepção newtoniana o mundo da matéria é uma máquina, que poderia ser determinada por meio de leis físicas [...] esta idéia de mundo-máquina é de tal modo poderosa que vai se transformar na grande hipótese universal da época moderna, o mecanicismo. (SANTOS, 2005, p. 30-31).

Da postura incisiva do mecanicismo, fez brotar no seio história, a concepção que acontecimentos do passado teriam a remota possibilidade de se repetirem no futuro, de modo mecânico. Todavia, as bases de sustentação do argumento são frágeis, por tanto refutáveis, a saber: considerando que os acontecimentos/fatos sociais não estão sujeitos a serem explicados conforme leis mecânicas, como era os fenômenos naturais, Thompson (1981) explica que a lógica da história difere da lógica clássica, posto que os fenômenos de natureza histórica são imprevisíveis, somente uma lógica própria da história teria condições de explica - lá a contento, lógica essa subsidiada pela desordem em detrimento da ordem, por mais paradoxal que pareça. Para Le Goff (2003) o saber histórico

encontra-se, ele próprio, na história, isto é, na imprevisibilidade, o que apenas o torna mais real e mais verdadeiro.

Não obstante, argumentar o porquê no desenlace do curso da história estas correntes teóricas foram sendo enfraquecidas e gradativamente perdendo seu poder de difusão e persuasão, a ponto de se eximirem. A ciência histórica não pode ser regida por leis similares às leis naturais, pois seu objeto é de natureza subjetiva, contrastando às ciências naturais, esta entendida, como objetiva. O malogro desta teoria associa-se em parte, à fragilidade enquanto explicação de mundo, bem como à iminência de outras formas de pensamento, que começavam a vigorar nas discussões acadêmicas, incorrendo em mudanças internas e externas no âmbito da historiografia, na representação dos Annales na França e de outras correntes que surgiam tangencialmente, a exemplo da Inglaterra, dos EUA entre outros.

Contudo, não devemos desferir severas críticas às contribuições herdadas das concepções epistemológicas denominadas clássicas, estereotipando-as e desqualificando-a, deve-se enxergá-la enquanto fator somatório, em outros termos, acumular o que fora produzido, com o que está sendo produzido e o que será produzido pela geração posterior, numa espécie de “ciclo” acumulativo de cabedal teórico e metodológico, pois o conhecimento é historicamente construído, e o saber histórico, por sua vez não poderia fugir de tal lógica, mesmo que paradoxalmente na prática, se faça menção de alguma forma ao presente, pretensamente posto num nível elevado, apesar de não ser essa a intenção inicial:

Para J.Habermas (2002,p.21):

[...]de fato, reconhece-se ainda algo de evidente mesmo na estrutura coagulada no existencial da historicidade: aberto ao futuro, o horizonte de expectativa determinadas pelo presente comanda nossa apreensão do passado. Ao nos apropriarmos de experiências passadas para orientação no futuro, o autêntico presente se preserva como local de prosseguimento da tradição e da inovação, visto que não é possível sem a outra, e ambas se amalgamam na objetividade de um contexto-histórico receptivo.

A linha do pensamento alemão no contexto historiográfico, materializado na figura dos frankfurtianos, envereda as discussões ao plano ontológico, valendo-se da dialética no campo da subjetividade. Subjetividade essa conjecturada pela primeira vez por Hegel, ao tomar como problema filosófico o processo pelo qual a modernidade se desliga das sugestões normativas do passado que lhe são estranhas. Assim, alinhou-se o discurso filosófico ao historiográfico, ao se referir à relação dialética entre o *espírito* e a *natureza*. Entende-se que a história do mundo está no domínio do Espírito. Todavia, a palavra mundo possui um significado duplo no pensamento hegeliano. Comporta a natureza física, bem como a psíquica. A natureza física desempenha um papel relevante na história do mundo. Porém, o Espírito e o rumo de seu desenvolvimento são à matéria da história.

Nesta acepção, Hegel se vale do princípio da subjetividade para explicar a suposta superioridade do mundo moderno e sua tendência à crise: ele faz a experiência de si mesmo como o mundo do progresso e ao mesmo tempo do espírito alienado. Por isso, a primeira tentativa de levar a modernidade ao nível do conceito é originalmente uma crítica da modernidade.

### **3 A CRISE PARADIGMÁTICA E AS MUDANÇAS EM CURSO DA HISTÓRIA**

A crise paradigmática que assolou a academia, fazendo a história desvencilhar-se do paradigma tradicional, factual e político<sup>2</sup>, configurou-se em nuances que vislumbrou redimensionar o pensamento histórico, ao produzir contribuições epistemológicas significativas que alicerçaram as bases das teorias contemporâneas, fato percebido na atualidade.

---

<sup>2</sup> Esse sentido político que estamos a nos referir é aquele referendado na figura dos governantes, as pessoas que se destacaram na história oficial, numa perspectiva da história (Macro).

A metáfora de associar os paradigmas a hímens, caberia, enquanto fins explicativos, visto que, assim como os hímens os paradigmas foram feitos para serem rompidos, fundamenta-se na seguinte proposição: pois não vemos função para o hímen a não ser rompê-los (em tese), e todo paradigmas está, de certo modo, sujeito ao rompimento. A história rompeu com esses paradigmas, só que ao contrário dos hímens, que pelo menos naquele momento, não se tinha criado sua reconstituição. O saber histórico atua de forma contrária, através de um processo dialético, desconstruir e (re) construir, onde o romper com as abordagens paradigmáticas, posta aí como tradicionais, significa inflectir sobre suas posturas.

O movimento dos annales na França, normalmente chamado de escola, iniciado no século XX, engendrado por Marc Bloch e Lucien Febvre, foi considerado um dos responsáveis, pelo alargamento no saber histórico, quando apresenta a academia outra configuração/modelo da Historiografia, calcada no diálogo interdisciplinar, propiciando um solo fértil para que os historiadores pudessem adubá-lo, de fertilizantes teóricos, produzindo discussões frutíferas. A proposta incipiente, pensada pelos pioneiros do movimento, esteve imbuída em construir uma nova roupagem à ciência histórica, que destoasse da história tradicional, limitada a contextos políticos e factuais, centrada nas grandes batalhas e *grandes homens*. Enfim, uma história unilateral, contada à luz das elites políticas, econômicas e governamentais. O novo modelo almejava romper as muralhas/estruturas que impediam os historiadores a dialogarem com outras áreas do conhecimento.

Com efeito, um paradigma rompido, abre precedente para outro, este por sua vez surge timidamente como desvios epistemológicos, mas com o tempo é cotado a tornar-se hegemônico. A história social francesa, nesse sentido, alavancou sua “revolução” historiográfica, apresentando formas inovadoras ao abordar os acontecimentos. Entretanto, o movimento sofreu várias críticas, dentre elas: o pensamento almejava uma “história totalizante”, ou seja, global, quando procura dialogar com outras áreas de humanas. Especula-se que a fundamentação desta crítica pelo fato, de sua proposta inicial existir teóricos das mais diversas áreas de humanas, desde geógrafos a economistas.

Salienta-se o equívoco desta crítica, afinal se realmente o movimento pensasse por esse lado, como estava posto, o diálogo com a questão da interdisciplinarização que se propunha a fazer nesse momento, como uma forma inovadora, no momento que procurava concentrar inúmeros olhares de várias áreas é apenas um objeto aumentando os detalhes silenciados na história. É se vermos apenas de forma unilateral, dar a entender que esse olhar se propunha à ideia de generalização e se assim o foi, as críticas são pertinentes. Tendo em vista, que a generalização das coisas como faziam o paradigma moderno incorressem no erro de abstrair de forma, muitas vezes equivocadas, e cria uma teoria universalizante, o que não funciona dentro das ciências sociais, pois, o objeto em foco dessas ciências trabalha com as dinâmicas que são características inatas da sociedade que está em constante mutação, por isso, não tem pilar para se firmar, pelo menos, dentro da área de humanas, generalizações de modo tácito, em função desses movimentos.

A história enquanto produto de seu tempo é historicamente constituída de acordo com as mudanças sociais na história, adentra nessa empreitada alterando qualitativamente o seu olhar sobre o social. Todavia, mudanças essas na história ocorreram fora do movimento dos annales, na própria França, ou seja, existe vida na França sem os annales; assim como a Inglaterra, a história Social inglesa, na Itália, na Prússia entre outras, todas contribuíram efetivamente e tiveram seu papel preponderante na produção para cultura historiográfica.

Na Inglaterra, por exemplo, expoentes como E. P. Thompson e Hobsbawm, também contribuíram para ampliação do campo historiográfico, ao modificar o modo de pensar história, ambos membros da revista inglesa *New Left Review*. Thompson propunha a história voltada para experiência de luta de classes baseadas em sua experiência de fazer história que permeia a sua vida, tradição de engajamento, em sua forma de mostra a história vista de baixo assim como Hobsbawm, mostra essa nova forma de produzir história, e seguido de Jim Sharpe, trabalha uma história sob o prisma horizontal, rompendo com a tradicional visão que mantinha as grandes massas à mercê da própria história, marginalizavam o sujeito histórico, descreditando-o enquanto ativo no processo histórico, relegando enquanto ser social. Continua o autor: “a ideia de explorar a história do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante”. (BURKE, 1992, p.41).

Para contrapor a ideia tradicional de encarar a história, como centrada apenas nos grandes fatos e heróis, deixando os sujeitos em sua maioria de fora dessas mudanças, desmerecendo sua denominação de sujeitos ativos

em sua história. Fez-se, necessários ponderar o cuidado com essas posturas metodológicas inovadoras, justamente alertar para que o pesquisador não incorra nos deslizos da historiografia tradicional, (que sobreponha os *grande homens* em detrimento dos sujeitos anônimos, em outros termos, sobrepor os que estão de baixo em detrimento dos *de cima*), afinal, nessa acepção o que ocorre não se configurará enquanto mudanças inovadoras, mas, apenas uma pretensa nova roupagem, sobre os velhos moldes tradicionais, que por sinal não trouxe nada de inovador, mas sim, uma inversão de escala, só que dessa vez sobrevalorizando os excluídos inicialmente da historiografia. Para tanto, é crucial que a análise seja feita no plano horizontal, enfocando o hibridismo entre os *de baixo* e os *de cima*, enfatizando as relações de trocas/ambigüidades no embates destes grupos *antagônicos*.

Essas foram algumas das mudanças que açambarcou as ciências humanas, na virada do século XIX para o século XX, que obtiveram êxito na medida do possível, a partir do momento que possibilitaram aos pesquisadores ampliarem seus horizontes de análise na área de atuação, rompendo assim as fronteiras rígidas que engessavam o diálogo interdisciplinar externo, entre outras áreas e as ciências humanas, bem como diálogo *intradisciplinar* entre as diversas ciências que compõe a áreas de humanas. O fenômeno da interdisciplinaridade almeja isso, embora tenha sido entendida por muitos anos de modo equivocado por alguns pensadores, que lhe atribuía caráter generalizante. Com efeito, sua proposta não era essa, mas sim, estabelecer um possível diálogo circular, viabilizando um olhar múltiplo a cerca do objeto cognoscível.

Então acompanhado dessa mudança abriu portas para as áreas de humanas dinamizarem sua própria atuação no campo de pesquisa, no momento que abriu o leque de fontes postas aí, que até então não se trabalhava se forma esmiuçada. Faz parte também dessa óptica de alargamento, as variedades de fontes, dantes nunca vista, no sentido de servirem como contribuição para historiografia.

A concepção de mudança na postura da própria cultura historiográfica foi importantíssima, culminando em discussões ulteriores frutíferas, no cenário acadêmico ao romper quando rompe com o paradigma moderno, possibilitando no futuro próximo, a criação de correntes teóricas, pouco explorada no decurso histórico. Em razão da dinâmica que foi impressa na historiografia, tema que eram abordados corriqueiramente pela historiografia tradicional, volta a ser posto como ponto de análise, a partir de outras óticas, nunca antes vista, face ao amadurecimento teórico adquirido pelos historiadores.

Contudo é preciso frisar que essas mudanças são paulatinas, assim como na história, mas, o que estamos chamando atenção foi que essa nova forma possibilitou o surgimento de outras vertentes teóricas na própria história, através de seu processo refinamento teórico que culminou em uma revisita, e historicização da história, não apenas no sentido de problematizar se é ciência ou não, como fora feito enfadonhamente, mas, considerando o que fora intencionalmente negligenciado e através desses silêncios, o que deixou de ganhar os historiadores em riqueza de detalhes importantíssimos do passado, pois, o mesmo apesar de acontecido, é dinâmico, de acordo com as perguntas e o olhar lançado sobre o mesmo. Isto é possível quando se aborda a história da história, até parece redundante, é o que nos propomos de forma superficial a mostrar nesse artigo as mudanças que essa disciplina “sofreu”, quando houve o rompimento com o positivismo, (rompimento, no sentido de o mesmo, não ser uma abordagem universalizante) e com os metódicos, obteve um tímido avanço, pois, acostumou-se a dizer que a história, atua num eterno processo de construção do seu conhecimento e a cada dia é posta em vários desafios. Todavia, ainda existe muito a se desvelar na historiografia, partindo da seguinte máxima, nada se repete de forma cíclica e fidedignamente na história.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Parafraseando a prerrogativa acima, E. Hobsbawm demonstra plausivamente, quando vem abordar questões voltadas para modernidade, enfatiza que uma teoria por ser criada em períodos anteriores não se tornou menos ou mais absoletas que as teorias contemporâneas, criados pelos seus posteriores, o que acontece como fora dito, nada mais é que um acúmulo maior de conhecimento, em função dos teóricos de outrora não terem tanto acesso a mais materiais sejam eles de cunho teóricos ou metodológicos como seus contemporâneos.

Na verdade, o que existe efetivamente, não são concepções teóricas melhores e nem piores, mas, diferentes modos de olhar um mesmo objeto sobre ópticas múltiplas. O que acontece não é que, já falando, de historiadores, que não só escrevem, mas lêem livros mais velhos e não é o progresso que os torna mais cultos ou

mais inteligentes ou até mesmo mais eruditos, como fora enfocado aqui nesse contexto o que faz de fato essa diferença, é justamente a possibilidade bem mais ampla desses pesquisadores estarem, mais “aptos”, no sentido de facilidade, para terem um contato mais próximo e dialógico com uma quantidade de informações, infinitamente maior. Todavia, deve-se procurar não perder de vista as questões das diversidades das culturas historiográficas (que são constituídas historicamente) até porque, o pesquisador desses referidos períodos anteriores não são descartáveis, deram sua contribuição, de acordo com os limites proporcionados pelo seu tempo, e meio dessas limitações que muitas das vezes, mais censuravam que ajudava a propagar o conhecimento, no entanto conseguiram, de alguma forma, expor seus conhecimentos. Então, são importantes sim, nessa perspectiva, como diz Hobsbawm (1998, p.68)

Platão não se tornou obsoleto com Descartes, nem este com Kant; tampouco podemos detectar um processo de acumulação de sabedoria que assimile e absorva na obra posterior aquilo que permanentemente se mostre verdadeiro na anterior. De fato, muitas das vezes observamos meramente a continuação ou revitalização, em termos contemporâneos de velhos debates, na verdade as vezes, muitas vezes muito antigos um tanto com as produções no estilo dos anos 20 ou dos anos 70 de peças de Shakespeare.

Em razão disso, deve-se ser cauteloso quando partir para analisar as teorias de séculos passados, nos policiando, para não incorrer em anacronismos, pois, devemos lançar nosso olhar para aquele período, no caso, tentando recuperar o pensamento da época em que se está enfatizando, tentar olhar com as mesmas perspectivas dos cientistas do período, entendendo suas “limitações”. Reconhecer a contribuição que fora feitas pelos nossos predecessores.

Em si tratando de reconhecimento apesar dos percalços, o mecanicismo, teve sua importância, se for analisado por outro os interesses desses teóricos, em si preocuparem na inserção das ciências humanas, em meio aquele cenário de progresso científico, almejando atingir de certo modo, fazer com que as ciências humanas conseguissem alcançar o patamar de “científica”, obviamente houve seus deslizos, contudo, houve por outro lado, suas contribuições, a saber; esse paradigma ficou conhecido como paradigma racional empírico, no qual se procurou de toda forma, impor as ciências humanas, sob a égide de torná-la ciência dentro dos padrões reguladores e rigor científico que se defendia no século XIX - contribuições no sentido de formular críticas a cerca dessas teorias, que na verdade eram teorias que careciam de cunho analítico, algo acontecido posteriormente, face o surgimento da história social e de outras vertente no seio da história.

O diálogo interdisciplinar contribuiu para um olhar mais abrangente, por parte do historiador em torno de seu objeto de pesquisa, tornando-o cada vez mais rico em detalhes e crescendo qualitativamente a abordagem metodológica e teórica da história, que passa a ser vista não apenas como mera descrição e narração dos fatos, ampliando seus horizontes ao estreitar os laços com a filosofia. A suposta carência teórica, está associada a um número limitado de vertentes disponíveis, Pesavento(2005) aponta existir inicialmente uma única categoria de análise, a marxista, a julgar pela autora já saberíamos de antemão, as respostas de nossas perguntas.

A questão não se trata disso exclusivamente, mas, como fora dito, de limitações teóricas que cada vez mais aprisionava o historiador, impedindo-o de perceber novos horizontes e amplitude da História, como ciência dinâmica, inserida no social. Por conseguinte, limitava a influência da história aos moldes políticos, centrada então nos *fatos*, nos ídolos políticos. A julgar por François Simiand, a História deveria a todo custo se libertar desses ídolos. E é nesta empreitada que detectamos os elementos que impediam dinamismo na metodologia e de abordagem teóricas que libertasse o pesquisador desse modo, de fazer história.

Outra consideração importante decorrente da inovação nas abordagens histórica, diz respeito ao trato do documento, pois durante muito tempo, os historiadores pensaram que os verdadeiros documentos históricos eram os que esclareciam a parte da história dos homens dignas de ser conservadas, transmitidas e estudadas, associadas aos grandes acontecimentos (vida dos grandes homens, acontecimentos militares e diplomáticos). A pretensa ideia de que o nascimento da história estava ligado ao aparecimento da escrita levava a privilegiar o documento escrito. Contudo, percebemos que com Fustel de Colanges, pode-se dinamizar o olhar e ampliar a visão do documento, com restrições. Documento a partir de então adquirir várias conotações, e são incorporados outros elementos que passam a vigorar com tal alcunha, leis, cartas, crônicas entre outros. Nestes termos a

função do historiador é senão é tirar do documento tudo que ele contém e nada acrescentar o que nele esteja contido. Nesta escala o melhor historiador seria o que se mantivesse mais perto dos textos.

Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta, devemos ir mais longe: questionar sobre a documentação histórica sobre as lacunas interrogam-se sobre os esquecimentos, é preciso fazer história a partir dos documentos e da ausência deles, pois para Marc Ferro a história silenciada é tão importante quanto a escrita.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA**

BURKE, Peter. **A Escola dos annales (1929 -1989):** A revolução Francesa na Historiografia.tradução Nilo Odália: UNESP,1997.

\_\_\_\_\_. (org.). **A escrita da História:** Novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes.São Paulo: UNESP,1992.

FERRO,Marc.**A História Viglada.**São Paulo:Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber.** São Paulo: Vozes, 1973.

HABERMAS, J.**O discurso Filosófico da Modernidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEGEL, F.A **Razão na História:** Uma introdução geral a filosofia da História. São Paulo:Centauro,1990.

HOSBAWN, Eric. **Sobre Historia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ed. São Paulo: Unicamp, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências.** São Paulo: Cortez, 2005.

PESAVENTO, Sandra J. **Historia & Historia Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

THOMPSON, E.P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros:** Uma critica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1981.